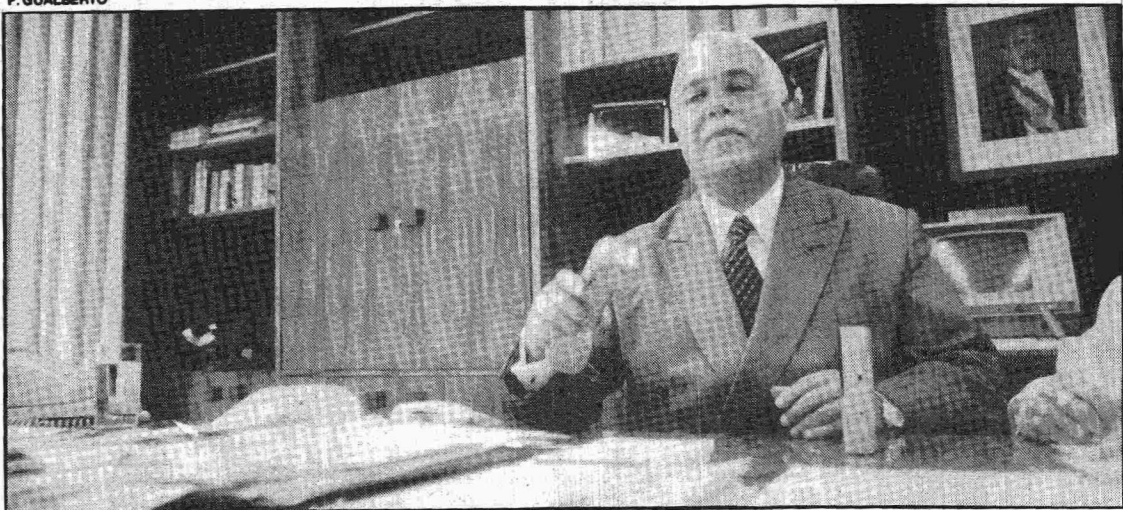




Antônio Carlos: tem políticos e empresários apostando na hiperinflação e na catástrofe

ACM teme um leilão de cargo no segundo turno

DILZE TEIXEIRA

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, discorda totalmente do ministro da Justiça, Oscar Dias Corrêa, que prevê grandes mudanças no quadro sucessório, até as eleições de 15 de novembro. "Minha ótica é diferente. Não acredito em modificações substanciais no quadro político até as eleições". Mas ressalva que isso não significa que dê como certa a vitória de qualquer candidato, nem de Fernando Collor de Mello, que vem liderando as pesquisas de opinião. E teme que, se as eleições chegarem ao segundo turno, haja um verdadeiro leilão de cargos.

Em entrevista ao **CORREIO BRAZILIENSE**, Antônio Carlos Magalhães assegura que o ex-presidente Jânio Quadros não se disporia a disputar com Aureliano Chaves a indicação do PFL como candidato do partido à Presidência da República. Embora muitos tentem uma manobra nesse sentido", acrescentou, sem identificar os autores dessa manobra. O ministro garantiu que apoiará o candidato do partido até o fim, "mas se ele não chegar ao segundo turno terei de pensar numa outra opção".

SEMENTUSIASMO

O ministro Antônio Carlos não parece entusiasmado com as perspectivas eleitorais. Perguntado que perspectivas tem em relação ao futuro Presidente da República, respondeu:

"Tudo vai depender das pessoas escolhidas pelo vencedor para compor sua equipe de Governo. Ninguém governa sozinho e o Brasil vai precisar muito de uma competente equipe econômica para conseguir reverter o difícil quadro de crise que estamos atravessando. Quando se faz abertura política e econômica, si-

multaneamente, isso tem um preço muito alto. E a Nação está pagando esse preço".

— **ministro, o senhor teme que o País se defronte com um processo hiperinflacionário? Nesse caso, haveria riscos institucionais?**

— Não creio. O quadro brasileiro é muito diferente do argentino. Agora, que existem políticos e empresários torcendo por uma catástrofe, pela hiperinflação, isso tem. E pode ser até que eles tenham seus desejos satisfeitos. Neste caso, realmente, as consequências seriam imprevisíveis, mas certamente desastrosas. Quero dizer, contudo, que aconteça o que acontecer nada vai impedir que as eleições ocorram em 15 de novembro.

— **O senhor acredita que o Governo teria condições, no tempo que lhe resta, de reverter o quadro de dificuldades econômicas, adotando, por exemplo, um novo choque?**

— As dificuldades que o Brasil vem enfrentando não se resolvem a curto prazo. E quem disser que faz isso, na melhor das hipóteses estará sendo leviano.

— **Então os acertos vão ficar por conta do futuro Presidente?**

— O vencedor, ou seja, o futuro presidente da República, seja quem for, terá antes de qualquer decisão de tomar providências para tornar a Constituição executável. Com a atual Constituição qualquer Presidente fica impossibilitado de ter êxito.

— **O que o senhor pensa dessa nova tentativa de entendimento entre o Executivo e o Legislativo buscando caminhos para evitar a hiperinflação? Acredita nessa trégua que vem sendo tentada pelas lideranças partidárias?**

— Não acredito nesse pacto, entendimento, ou trégua que surge agora. Até porque muitos dos que participam das negociações que

vêm se processando, estão movidos pelo oportunismo, pensando nos dividendos eleitorais e não no interesse do País. E aqui quero fazer uma ressalva no que se refere ao senador Nelson Carneiro, que reputo como político muito sério. Mas, o caso é que o presidente Sarney desde que assumiu o governo, vem propondo um entendimento, a união de todas os brasileiros com o objetivo de superar as dificuldades. Infelizmente sua pregação caiu no vazio. Não vejo sinceridade nesse movimento.

— **O senhor acha que o sistema de governo deve ser substituído pelo Parlamentarismo?**

— Sou presidencialista e acho que o parlamentarismo não pode ser implantado num momento de crise. Se isso vier a ocorrer vamos enfrentar sérias dificuldades.

— **E quanto ao seu futuro político. Já se definiu?**

— Ainda estou avaliando. Posso ser candidato às eleições majoritárias ou às proporcionais. O mais provável é que me candidate às majoritárias. Posso disputar o governo da Bahia. Ou quem sabe, prefira o Senado. Na hora certa farei a opção.

— **Voltando às eleições presidenciais, o senhor acha possível algum dos candidatos vencer logo no primeiro turno?**

— Torço para que isso aconteça. Se houver o segundo turno fico já avaliando o leilão de cargos que seria.

— **O presidente Sarney não terá mesmo candidato?**

— O Presidente não tem, nem deve ter candidatos. Simplesmente porque seu governo não é popular, não teve o apoio necessário e sobretudo porque o maior partido que dele se beneficiou, principalmente através do dr. Ulysses Guimarães, negou-lhe o devido respaldo político.